



Covid-19: Implicações nos negócios para a América Latina

O rápido surto da Covid-19 representa uma crise de saúde alarmante que está impactando todo o mundo. Além do elemento humano, há reflexos econômicos e comerciais significativos. Considerando que o vírus não conhece fronteiras, os problemas podem continuar se espalhando, trazendo riscos e desafios distintos aos líderes empresariais. Para debater esses assuntos, a KPMG organizou o webcast “Covid-19: Implicações nos negócios para a América Latina” e convidou representantes da KPMG e do Eurasia Group para debater, diante desse cenário, quais são as perspectivas para os negócios na América Latina.

Rob Brouwer

O vice-presidente da KPMG no Canadá e Diretor Regional de Mercados da KPMG Américas agradeceu a presença de todos, deu instruções técnicas gerais aos participantes, incentivou o público a fazer perguntas e moderou a apresentação dos palestrantes do webcast. Ele ainda ressaltou que a KPMG está trabalhando em todo o mundo neste período de forma muito próxima aos clientes com o objetivo de ajustar processos e se adaptar à nova realidade.

Charles Kriek

O presidente da KPMG no Brasil e América do Sul ressaltou que claramente trata-se de uma situação nova e que todos estão aprendendo com suas próprias experiências individuais.

Ele destacou que a maioria da força de trabalho da KPMG está atuando remotamente, o que está sendo facilitado diante da infraestrutura de tecnologia proporcionada pela empresa, como laptops, acesso à banda larga, rede virtual privada (VPN) e soluções de segurança (firewalls).

Charles também mencionou a relevância de lidar com as pessoas e, nesse sentido, a importância da superação de desafios para que os profissionais mantenham a coordenação das equipes e a eficiência do trabalho, o que passa por uma comunicação constante sobre o que está sendo realizado pela KPMG com o objetivo de mitigar impactos e manter os negócios operando.

De acordo com ele, há serviços alternativos de programas e distintos produtos e serviços disponíveis que fazem com que seja possível identificar outras formas de entregar e atender às expectativas dos clientes, sempre dentro de práticas reconhecidas de compliance e regulação.

O executivo ainda revelou que, considerando que a região da América Latina está na segunda onda de disseminação do vírus, é possível aprender com as demais experiências de sucesso sobre como estarmos melhor preparados para essa situação.

Victor Esquivel

Para o presidente da KPMG no México e na América Central, o lockdown está gerando impactos profundos nas economias do México e dos países da América Central. Mercados emergentes, para ele, tendem a sofrer mais e a extensão dos impactos ainda não é possível de ser observada em toda a sua totalidade.

Setores muito importantes para as economias desses países, como turismo, estão sendo bastante afetados e é visível a queda brusca de turistas nas últimas semanas. Além disso, a exportação de produtos manufaturados também tem relevância econômica nos países dessa região e está sofrendo os efeitos da pandemia.

Victor também ressaltou que as empresas estão reagindo da melhor forma possível com a maioria trabalhando de forma remota. Os recursos tecnológicos estão sendo determinantes para a continuidade das operações nas duas últimas semanas.

Para ele, há um crescimento de riscos nos mercados, o que faz com que ações de segurança cibernética e de proteção aos dados estejam no radar dos líderes de negócios.

Victor ainda destacou que os esforços das empresas nesses países estão concentrados na continuidade das operações, sobretudo na manutenção da cadeia de suprimentos, mas nem todas estão totalmente preparadas, o que gera desafios e riscos, dependendo da empresa.



Finalmente, ele também mencionou que há um movimento consistente de empresários que estão pensando constantemente em como serem ágeis, disruptivos e resilientes para se adequarem rapidamente às circunstâncias atuais e inovarem seus modelos de negócios.

Daniel Kerner

Representando o Eurasia Group, o diretor da empresa de consultoria e pesquisa de riscos políticos globais na América Latina abordou a situação econômica atual e o impacto na política turbulenta da região.

Para ele, as perspectivas econômicas globais são desafiadoras e estão relacionadas com a vulnerabilidade macroeconômica. Nesse sentido, o executivo destacou que o impacto na economia global dependerá da duração da pandemia, a falta de coordenação na região continuará sendo um problema, a desaceleração pode ser mais acentuada e a recuperação mais lenta do que o previsto.

De acordo com ele, a dinâmica na Ásia e na Itália será fundamental, especialmente após os sinais econômicos positivos da China, mas, por outro lado, disse também que os mercados emergentes estão muito mal preparados para enfrentarem essa situação, o que deve gerar maior impacto econômico nesses países.

Especificamente em relação às implicações políticas e para os negócios na América Latina, o representante do Eurasia Group afirmou que os países da região estão mal posicionados para gerenciarem esta crise e lembrou que as perspectivas econômicas e políticas já eram desafiadoras antes da pandemia.

Para ele, a região estava se recuperando lentamente, mas os baixos preços do petróleo complicarão ainda mais as perspectivas para os países produtores.

Os governos, para ele, são fracos, têm recursos fiscais limitados e os sistemas de saúde são mais precários. Sendo assim, a resposta à pandemia dependerá da capacidade de resposta de cada país.

No curto prazo, o elemento fundamental será como os governos reagirão à pandemia, o que depende dos seguintes elementos: estímulos fiscais, paralisações e cada vez mais intervenção estatal; países que estão em melhores condições econômicas e agiram de forma mais decisiva estarão em uma posição melhor; Peru e Chile reagiram de forma mais decisiva em termos econômicos e de saúde; Argentina, Brasil, Equador e México parecem estar mais vulneráveis política e economicamente no curto e longo prazo; países andinos estão em uma melhor posição no curto prazo.

Em termos de perspectivas de cada país, Daniel avaliou da seguinte forma: Argentina reagiu decisivamente para conter a propagação do vírus, mas limitou os recursos para mitigar o impacto da crise, o que pode gerar inadimplência e controles crescentes sobre preços e câmbio; no Brasil os governadores agiram decisivamente, com as autoridades do governo trabalhando em um pacote substancial de estímulos, mas o presidente da República pode minar esses esforços; no Chile foi dada uma boa resposta, mas o descontentamento estrutural continuará representando riscos; na Colômbia os baixos preços do petróleo limitarão a capacidade de resposta à crise; no Equador é elevado o risco de instabilidade e o pagamento da dívida externa será difícil; no México a centralização da tomada de decisões nas mãos do presidente da República dificultará os esforços econômicos e de saúde; no Peru as ações decisivas do presidente da República fortalecerão sua posição política; na Venezuela ainda não há mudanças no horizonte, mas a crise pode provocar um descontentamento mais amplo.

O Eurasia Group ponderou que as perspectivas para a América Latina a longo prazo dependerão da profundidade e duração da pandemia, que a manutenção dos esforços será difícil e aumentará os riscos de agitação social e deslocamento econômico.

Para eles, a região ainda deve ter aumento do descontentamento social, forçar mais intervenção do Estado, necessidade de mais discussões sobre linhas de créditos para as



empresas, e governos mais preocupados com os níveis de emprego e instabilidade social. Finalmente, as eleições nos próximos dois anos podem ser muito controversas.

Honson To

O presidente da KPMG na China e Presidente Regional da KPMG Ásia-Pacífico destacou dados regionais, que tem na região da Ásia-Pacífico uma das três principais regiões geográficas da rede da KPMG, com mais de 42 mil funcionários em 20 países. Na China, são mais de 20 escritórios, incluindo o de Wuhan.

Foi um período de intenso de lockdown, mas que resultou na contenção do vírus e na preservação da saúde de muitas pessoas. A situação está estável, os casos diagnosticados pararam de crescer e tanto o governo quanto a sociedade estão retornando lentamente ao trabalho.

O clima é de otimismo, embora nada será novamente como antes. Algumas indústrias estão mais preparadas para retomarem suas atividades, o que inclui empresas de saúde, tecnologia, varejo, supermercados e serviços de entrega, setores essenciais neste momento para a recuperação econômica.

Para ele, a China foi o primeiro país a se recuperar da pandemia, e há muito o que os governos devem fazer para apoiar a sociedade, mas, até que o mundo todo tenha superado esse cenário, será difícil para qualquer país recuperar a sua economia, incluindo a própria China.

O foco dos negócios deve estar agora mais prioritariamente em questões de inovação e transformação digital e a economia chinesa continuará em movimento de abertura, especialmente para investidores estrangeiros. Sobre a relação deste País com a América Latina, ele disse que espera que continuem sendo parceiros fortes, o que já era realidade antes da Covid-19, mas que pode continuar sendo após a pandemia.

Entre as lições aprendidas e observadas, ele mencionou a falta de preparo de muitas empresas, especialmente em países que não foram atingidos no início da pandemia. No momento, além da estrutura tecnológica, o executivo recomendou atenção de cada organização ao fluxo de caixa, foco no bem-estar das equipes de trabalho e processos de comunicação claros. Finalizou dizendo que cuidar da saúde das pessoas tem que estar em primeiro lugar.